

# GÊNERO E SEXUALIDADE DE JOVENS COM TEA: UMA BREVE ANÁLISE A PARTIR DO PODCAST INTROVERTENDO

*Clarice Antunes do Nascimento\**

*Universidade Luterana do Brasil*

<https://orcid.org/0000-0002-4315-4515>

*Juliana Ribeiro Vargas\*\**

*Universidade Federal do Rio Grande.*

<http://orcid.org/0000-0002-2959-7889>

*Kay Duarte Bezerra\*\*\**

*Secretaria de Estado da Educação do Amapá*

<https://orcid.org/0009-0000-3236-312X>

## RESUMO

Buscamos analisar, neste texto, narrativas de jovens autistas sobre as dimensões do gênero e da sexualidade na exibição do *podcast* *Introvertendo*. De modo mais específico, interessa-nos problematizar experiências afetivas e sexuais vivenciadas pelos jovens produtores do referido *podcast*. Para tanto, em uma abordagem pós-estruturalista, apoiamos a análise nos campos teóricos dos Estudos Culturais em Educação, nos Estudos de Gênero e Sexualidade e Estudos sobre Juventudes. Como metodologia, utilizamos a netnografia, analisando os episódios que tinham como tema central relacionamentos e experiências afetivas sexuais dos produtores do *podcast*, os quais identificam-se como sujeitos com TEA (transtorno do espectro autista). Como resultados, destacamos que, apesar da invisibilidade do tema, o *podcast* em questão atua como uma pedagogia cultural, (re)educando jovens autistas em inúmeras dimensões e, entre essas, o gênero e a sexualidade, fazem-se presentes.

**Palavras Chave:** Estudos Culturais, Gênero, Juventude, Autismo, Introvertendo.

## ABSTRACT

### GENDER AND SEXUALITY OF YOUNG ASD INDIVIDUALS: A BRIEF ANALYSIS BASED ON THE PODCAST INTROVERTENDO

In this text, we aim to analyze the narratives of young autistic individuals on the

\* Graduada em Pedagogia Empresarial pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Luterana do Brasil, com ênfase nos Estudos Culturais em Educação (PPGEDU/ULBRA). Pesquisadora e Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil. E-mail: [claricen@gmail.com](mailto:claricen@gmail.com)

\*\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Educação Física pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre e Doutora em Educação pela Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação (PPGEDU/UFRGS). Pesquisadora e Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [julivargas@hotmail.com](mailto:julivargas@hotmail.com)

\*\*\* Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (UFA) e em Direito pela Faculdade SEAMA. Mestre em Educação pela Universidade Luterana do Brasil, pela Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação (PPGEDU/ULBRA). Professora de Ensino Fundamental, vinculada à Secretaria de Estado da Educação do Amapá. E-mail: [kayduarte2013@gmail.com](mailto:kayduarte2013@gmail.com)

dimensions of gender and sexuality, as reported in the podcast *Introvertendo*. Specifically, we are interested in problematizing the affective and sexual experiences of the podcast producers. Therefore, we rely on a post-structuralist approach, drawing on the theoretical fields of Cultural Studies in Education, Gender and Sexuality Studies, and Youth Studies. We employed Netnography as our methodology to analyze episodes featuring the themes relationships and sexual affective experiences of the podcast producers who identify themselves as ASD (Autism Spectrum Disorder) individuals. Based on the results, we highlight that, despite the invisibility of the theme, the podcast aforementioned acts as a cultural pedagogy, (re)educating young autistic individuals in innumerable dimensions, among which, gender and sexuality.

**Keywords:** Cultural Studies, Gender, Youth Autism, *Introvertendo*

## RESUMEN

### GÉNERO Y SEXUALIDAD DE JÓVENES CON TEA: UN BREVE ANÁLISIS A PARTIR DEL PODCAST INTROVERTENDO

En este texto, procuramos analizar relatos de jóvenes autistas sobre las dimensiones del género y la sexualidad en la exhibición del podcast *Introvertendo*. Más específicamente, nos interesa problematizar experiencias afectivas y sexuales vividas por los jóvenes productores de dicho podcast. Para eso, adoptando un abordaje posestructuralista, nos apoyamos en los campos teóricos de los Estudios Culturales en Educación, de los Estudios de Género y Sexualidad y de los Estudios sobre Juventudes. Como metodología, utilizamos la netnografía para analizar los episodios que tenían como tema central relaciones y experiencias afectivo-sexuales de los productores del podcast, quienes se identifican como sujetos con trastorno del espectro autista (TEA). Como resultados, recalamos que, a pesar de la invisibilidad del tema, el podcast estudiado actúa como una pedagogía cultural, (re)educando a jóvenes autistas en múltiples dimensiones, incluso la de género y sexualidad que, entre otras, se hace presente.

**Palabras Clave:** Estudios Culturales, Género, Juventud, Autismo, *Introvertendo*.

## Abrindo a temporada

Em consonância com as teorizações dos Estudos Culturais em Educação, dos Estudos de Género e Sexualidade, e, ainda, dos Estudos sobre Juventudes, em uma abordagem pós-estruturalista, pretendemos, no presente texto, analisar e problematizar narrativas de jovens autistas, produtores do *podcast* *Introvertendo*, sobre experiências afetivas e sexuais vivenciadas pelos mesmos e descritas em episódios do referido *podcast*. Importante salientar que este trabalho decorre de uma pesquisa de Mestrado,

recentemente defendida por uma das autoras em um curso de Mestrado em Educação ofertado por uma instituição particular de ensino superior.<sup>1</sup>

Entendemos que a discussão sobre as dimensões do gênero e da sexualidade de/sobre sujeitos autistas ainda é uma pauta negligenciada nos mais diferentes contextos e grupos

<sup>1</sup> Destacamos que a pesquisa não envolveu, diretamente, procedimentos com seres humanos. Desta forma, não foi necessário a aprovação em Comitê de Ética

sociais, seja por desconhecimento e/ou por insegurança no trato do assunto. Apesar dos avanços verificados nos últimos tempos, no que se refere às políticas e às práticas de inclusão derivadas das lutas dos grupos LGBTQIA+, constituídos por lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queer, intersexo, assexual, entre outras identidades de gênero e orientação sexual, quando essa pauta se aproxima do campo do autismo, enfrenta processos recorrentes de resistência e/ou negação.

Frente à parca existência de materiais midiáticos sobre o tema, sejam esses filiados ao entretenimento ou relacionados às campanhas governamentais sobre corpo e sexualidade - dimensões, sobre as quais, encontra-se vasta produção de materiais dirigidos a determinados grupos sociais, tais como a população LGBTQIA+, gestantes, jovens, entre outros -, podemos afirmar que há um silenciamento para o gênero e sexualidade de sujeitos autistas, mesmo para os mais jovens.

Dentre as razões para tais silenciamentos, destacam-se possíveis dificuldades de pais e familiares de jovens autistas em falarem sobre essas questões e, ainda, em compreenderem que os(as) jovens autistas passam por transformações quando chegam a essa etapa de suas vidas. Ressaltamos, ainda, no que tange à dimensão dos afetos e da sexualidade de sujeitos autistas, as dificuldades que eles próprios narram, em alguns episódios do *podcast* *Introvertendo*, em relação às disfunções sensoriais, entendimento de seus sentimentos, emoções, desejos, comportamentos e modos como cada um e cada uma interage com o mundo.

Tais narrativas sinalizam a necessidade não apenas de revisar as práticas culturais e os significados produzidos acerca do autismo e dos(as) autistas, mas, também, de desenvolver pesquisas que levem em conta as singularidades dos sujeitos, entendendo que são diversos em seus modos de ser, pensar, sentir, agir e se relacionar. Nesse viés, quando falamos em “singularidades”, não estamos nos referindo, exclusivamente, às características físicas,

psicossociais, entre outras, que têm servido de ancoradouro para naturalizar a ideia de que os/as autistas são diferentes dos sujeitos enquadrados em padrões de normalidade histórica e culturalmente inventados, entoando binarismos que reforçam práticas de exclusão. Referimo-nos, sim, aos diferentes modos como estes grupos se veem, gostariam de ser vistos, vivenciam seus sentimentos e desejos, manifestam suas opiniões, mostram-se para o mundo.

No que concerne à (in)visibilidade das pessoas com deficiência, a discussão em torno das necessidades e dilemas destes grupos ganhou notoriedade, no Brasil, a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, que instituiu o reconhecimento de todos(as) brasileiros(as), independentemente de quaisquer diferenças. A partir desse marco legal, as pessoas com deficiência também passaram a ser reconhecidas como sujeitos de direitos e não apenas como pessoas assistidas por/em instituições de acolhimento, tais como as APAES e instituições religiosas.

No entanto, ainda que as pessoas com TEA tenham os mesmos direitos assegurados a todos os cidadãos do país pela CF/1988 e outras leis nacionais, para a garantia desses direitos, foi necessário criar leis específicas voltadas a estes grupos, a exemplo da Lei Berenice Piana (Lei 12.764/2012), que criou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, para terem direito a atendimento pelo Sistema Único de Saúde, bem como acesso à educação, à proteção social, ao trabalho e a serviços que propiciem a igualdade de oportunidades.

Hodiernamente, as juventudes autistas diagnosticadas com TEA nível 1<sup>2</sup>, que se encon-

2 De acordo com o Instituto Neurosaber, sujeitos diagnosticados com TEA nível 1 apresentam sintomas menos graves, por isso é denominado como autismo leve. Podem ter dificuldades em situações sociais, comportamentos restritivos e/ou repetitivos, mas requerem apenas um suporte mínimo para ajudá-las em suas atividades diárias. Podem ser capazes de se comunicar verbalmente e ter alguns relacionamentos, mas apresentar dificuldade em manter uma conversa, fazer e manter amigos. Leia mais em: <<https://institutoneurosaber.com.br/quais-os-niveis-de-intensidade-no-autismo/>>. Acesso: 07 mai. 2023.

tram no espectro sem deficiência intelectual e com linguagem funcional, vêm adentrando ao movimento ativista, principalmente através da mídia no ciberespaço, dimensão na qual expressam suas subjetividades em relação ao autismo e lutam por garantias de direitos, buscando direcionar o olhar para além da diferença. Entre as mídias mais utilizadas pela juventude autista, destacam-se a rede social *Instagram*, os canais do *Youtube* e, considerado o fator interativo, no qual está implicada a dificuldade de exposição visual dos corpos e a aderência ao uso de *Podcasts*, por meio das quais pessoas podem compartilhar suas ideias, experiências e vivências, sem a necessidade de aparecer na tela.

Ao realizar levantamento acerca de teses e dissertações sobre autismo, observamos a existência de pesquisas que abordam a importância do diagnóstico e intervenções precoces no TEA, os movimentos ativistas e de *advocacy*<sup>3</sup>, e estudos relacionados à representação social que as famílias têm sobre o autismo infantil. Contudo, não encontramos estudos que tratassem sobre a juventude autista - mais especificamente, sobre gênero e sexualidade no autismo. Ángel Rivière (2004, p. 234) corrobora essa percepção ao afirmar que, “apesar da enorme quantidade de pesquisas realizadas durante mais de meio século, o autismo continua ocultando sua origem e grande parte de sua natureza, apresentando desafios à intervenção educativa e terapêutica”, evidenciando a necessidade de estudos mais centrados nas questões relacionadas às subjetividades autistas.

A partir desse mapeamento, destacamos que uma parcela significativa dos discursos sobre o tema derivam, sobretudo, de conhecimentos disseminados no campo da neurociência e do ativismo das famílias de pessoas com TEA, indicando a necessidade de pesquisas que considerem os diferentes modos como esses sujeitos produzem e são produzidos culturalmente, em diferentes dimensões, como no

<sup>3</sup> Prática política adotada por pais de filhos com TEA, dentro do sistema político, para influenciar a formulação de políticas e alocação de recursos públicos.

gênero e na sexualidade, razão pela qual o processo investigativo, no âmbito deste estudo, concentrou-se nos episódios do *podcast* que abordam as experiências de relacionamento afetivas e sexuais vivenciadas pelos(as) jovens autistas do *Introvertendo*.

Ao tomar a mídia *podcast* como objeto de análise, adotamos como ferramenta metodológica a netnografia, concebida por Shirlei Sales (2021) como uma forma de etnografia realizada em ambientes virtuais, que permite, a(o) pesquisador(a), observar os sujeitos e o conjunto de verdades postas em circulação no ciberespaço. A partir desse olhar sobre a juventude autista, pela perspectiva dos Estudos Culturais, dos Estudos de Gênero e Sexualidade e dos Estudos sobre Juventudes, esperamos contribuir para a ampliação da temática invisibilizada até o momento, em diferentes espaços de nossa sociedade e, por conseguinte, colaborar para o combate aos preconceitos (de toda ordem) que atingem os sujeitos autistas, em especial os/as jovens.

Na próxima seção, apresentamos as bases teóricas que respaldam o exame das narrativas da juventude autista veiculadas no *podcast* *Introvertendo*, compreendido como uma, entre tantas, pedagogias culturais que atuam na (re) constituição de modos de ser, pensar e agir na sociedade em que vivemos.

## O pano de fundo: as bases teóricas

A emergência do campo dos Estudos Culturais (EC) teve como um de seus precursores o sociólogo Stuart Hall, diretor do Centro de Birmingham, no Reino Unido, nos anos 1960. Além de contribuir para a consolidação do Campo dos Estudos Culturais, suas ideias sobre gênero, raça, etnicidade, entre outros temas contemporâneos, subsidiaram os Estudos Culturais chineses, australianos, latino-americanos, irlandeses, eslovenos, austríacos e, a partir de 1990, os Estudos Culturais no Brasil, com a tradução de seus escritos e seminários

organizados pelo professor Tomaz Tadeu da Silva (Wortmann; Santos; Ripoll, 2019).

As teorizações de Stuart Hall estão voltadas ao conceito de cultura como fundamento epistemológico e, também, como “conceito metodológico nas análises que realiza de diferentes fenômenos e artefatos culturais” (Zubaran; Wortmann; Kirchof, 2016, p. 15), a exemplo do *podcast* *Introvertendo*. Na perspectiva de Stuart Hall, segundo apontam estes autores, a cultura abarca fenômenos da vida social e cognitiva, pois, “devido a esse poder para constituir os sujeitos, a produção e o consumo dos sistemas culturais são alvos constantes de disputas de poder e de regulação” (*Ibid.*, p. 15). Importante salientar que os Estudos Culturais não se referem apenas ao estudo sobre a cultura, mas lida com a teoria como um conjunto de conhecimentos contestados, localizados e conjunturais que se entrelaçam nas relações de poder.

Os EC têm se ocupado com políticas raciais e étnicas, políticas públicas relacionadas à saúde, ambiente, educação, trabalho, bem como com questões relacionadas à globalização, razão pela qual a pesquisa em Educação e Estudos Culturais tem sido desenvolvida através da busca de articulações com estudos sobre gênero, raça, sexualidade, identidade e diferença, etc., recorrendo não somente aos trabalhos acadêmicos, mas, também, aos que decorrem de movimentos sociais, étnicos, raciais, sexuais, ambientalistas, entre outros, que constroem posições e formas alternativas de interpretar o mundo. Isto é, ocupam-se dos diferentes fenômenos, práticas e manifestações culturais.

A mídia encurtou as distâncias e a velocidade com que as imagens viajam, formando uma sociedade com histórias distintas, diferentes modos de vida e estágios diversos de desenvolvimento. Essas revoluções da cultura causaram impacto sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão para a vida, sobre suas aspirações para o futuro. As mudanças culturais globais, estão criando uma rápida mudança social, mas também sérios

deslocamentos culturais. Segundo Marisa Costa e Maria Lúcia Wortmann (2016, p. 339), o foco prioritário incide sobre “questões vinculadas a políticas culturais, onde poder, representação, significado, identidade, diferença, alteridade, pedagogias culturais, governo das subjetividades, bem como seus efeitos nos processos educativos examinados, são centrais nas agendas de pesquisa”.

A partir desta visão, é possível pensar o *podcast* *Introvertendo* como uma pedagogia cultural que ensina sobre autismo, sobre como jovens autistas se reconhecem e querem ser reconhecidos(as), como vivenciam sua sexualidade e participam de processos identitários nos quais está(ão) implicada(s) a(s) identidade(s) de gênero. De acordo com Viviane Camozatto (2014), as pedagogias respondem às exigências de cada tempo, produzindo sujeitos que correspondam e se adaptem a ele.

No âmbito deste trabalho, entendemos que as pedagogias culturais, as quais se configuram nos mais diversos espaços de participação e poder, para além de produzir subjetividades e comportamentos alinhados à racionalidade segundo a qual a sociedade pensa e age, podem, também, produzir estranhamentos, desencaixes e rebeldias, conforme os sujeitos se sintam desconfortáveis com as narrativas e verdades propagadas nesses espaços e passem a pensar e agir de outros modos. E que, quando essas narrativas incorporam discussões sobre gênero e sexualidade, como é o caso das falas dos integrantes do *podcast* *Introvertendo*, acabam por tensionar dimensões naturalizadas sobre deficiência, juventude e sexualidade.

Da mesma forma, respaldadas nos Estudos de Gênero e de Sexualidade, compreendemos as diferenças entre homens e mulheres como consolidadas no âmbito da cultura e das distintas construções sociais acerca dos diferentes sexos, como pontua Guacira Louro (2003). Segundo a autora, é preciso entender o conceito de gênero como constituinte da identidade dos sujeitos, que se caracteriza por uma pluralidade de identidades, as quais estão

em constante transformação. Como destacam Suzana Barros e Paula Ribeiro (2016, p. 431) “É importante salientar que os gêneros são construções socioculturais, que se constituem por meio de relações de poder e saber. Desde cedo, meninos e meninas são ensinados sobre as questões de gênero e sexualidade”.

Como invenções sociais, gênero e sexualidade são constituídos a partir de discursos que regulam, normalizam e produzem saberes e verdades sobre estas temáticas. Segundo Michel Foucault (2010, p. 12), “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. (...) tipos de discursos que [a sociedade] acolhe e faz funcionar como verdadeiros”. Conforme o autor, o termo sexualidade surge como discurso no início do século XIX, relacionado, entre outros fenômenos, ao desenvolvimento de áreas de conhecimentos diversas que “[...] cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como variantes individuais ou sociais do comportamento [...]” (Foucault, 2009, p. 10). É possível perceber, principalmente nas sociedades ocidentais, que a difusão de determinadas regras e normas, comumente apoiadas por instituições como igrejas, hospitais e escolas, parece estar relacionada às mudanças nas significações de dever e prazer, que se constituem como fenômenos relacionados ao discurso da sexualidade.

Para o referido autor, a sexualidade também pode ser compreendida como um dispositivo histórico articulado por estratégias de saber-poder, as quais regulam corpos, prazeres, discurso, controles e resistências (Foucault, 2007). A própria conceituação do sexo constitui um elemento do dispositivo da sexualidade, intimamente relacionado às relações de poder estabelecidas em uma sociedade. Assim, as tecnologias do sexo podem ser entendidas, a partir dessa premissa, como estratégias de funcionamento do dispositivo da sexualidade, materializadas em operações políticas, intervenções econômicas, em processo de moralização e responsabilização da conduta

dos indivíduos nas sociedades, tal como afirma Foucault (2007, p. 159): “De um polo a outro dessa tecnologia do sexo, escalona-se toda uma série de táticas diversas que combinam, em proporções variadas, o objetivo da disciplina do corpo e da regulação das populações”.

A partir dessa premissa, podemos depreender o silenciamento sobre o exercício da sexualidade de determinados grupos sociais, a exemplo dos jovens com TEA, como, possivelmente, uma estratégia de controle sobre tais sujeitos, a qual opera na regulação de seus corpos, desejos e prazeres, através do temor, do desconhecimento, do medo... No entanto, esses jovens querem viver sua sexualidade, seus afetos, seus prazeres, como apresentaremos a seguir.

## Vozes atípicas – Juventude autista

O Autismo passou a ser compreendido como TEA através da última edição revisada do Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), conhecido como DSM-5 instituído pela Associação Americana de Psicologia (APA). A OMS aponta que a evolução científica em torno das pesquisas sobre o Autismo tem revelado a multiplicidade de sinais, sintomas e diferentes níveis de gravidade no TEA.

Em razão dessa variabilidade, a CID-11<sup>4</sup> reuniu em um único diagnóstico o que se conhecia como Transtornos Globais do Desenvolvimento, do qual a Síndrome de Asperger fazia parte, e passou a denominar de Transtorno do Espectro Autista (TEA) o conjunto de diferentes transtornos de desenvolvimento, os quais são classificados conforme a existência ou não de deficiência intelectual e de linguagem funcio-

4 CID - Classificação Internacional de Doenças é a 11ª edição de um sistema global de categorização de doenças físicas e pensadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A CID-11 é uma versão revisada da CID-10 e a primeira atualização a ser desenvolvida e publicada em duas décadas.



nal. Pensamos que agregar o autismo em um único diagnóstico contribuiu para reduzir a discriminação em torno das pessoas diagnosticadas com TEA nível 1 de suporte, haja vista os estereótipos de “não parecerem autistas” ter causado prejuízos de cunho social e a não garantia de direitos.

John Donvan e Caren Zucker (2017) apontam que famílias e ativistas têm dispensado seus esforços para uma luta constante, a fim de fazer com que as autoridades públicas passem a enxergar as pessoas com TEA como sujeitos de direito e essa intenção tem sido buscada, também, pela juventude autista, como o caso dos jovens que integram o *podcast* *Introvertendo*.

Em consonância com os aportes escolhidos, destacamos a categoria Juventude constituída por critérios históricos e sociais, os quais, segundo Juarez Dayrell (2003), contribuem para a construção do sujeito em razão da relação com o outro. Na contemporaneidade, grupos de jovens autistas aderem ao movimento pela neurodiversidade inspirada no campo do modelo social de deficiência, cujo lema é “nada sobre nós sem nós”, assumindo uma posição crítica no discurso de profissionais e médicos sobre o autismo, como forma de constituir uma categoria de juventude autista.

Percebe-se, com isso, que foram renegadas, às antigas gerações de jovens autistas, oportunidades de participarem de mudanças culturais, já que essas gerações eram impossibilitadas de participarem do processo de socialização em razão dos estereótipos sob sua condição autista, como também não puderam viver a “moratória social” (um período da vida em que se permite postergar diversas exigências sociais – tais como trabalho, matrimônio, ter filhos e formar o próprio lar – e em que há uma especial tolerância para com o comportamento juvenil.) já que não lhes foi proporcionado a aprendizagem de hábitos, atitudes e experiências tipicamente jovens por serem considerados seres não-sociáveis (Groppo, 2017).

A esse respeito, o Estatuto da Juventude (EJUVE) determina, nos artigos 21 e 22 da Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que os(as) jovens devem exercer a participação nas decisões de política cultural, ter direito à identidade e diversidade cultural e à memória social, cabendo ao poder público garantir, a(o) jovem com deficiência, acessibilidade e adaptações razoáveis (BRASIL, 2013).

No entanto, na análise de Maria Claudia Dal’Igna *et. al* (2019), as políticas públicas contemporâneas servem ao propósito de regular a vida de determinados grupos para diminuir os riscos sociais e ampliar níveis de segurança para a população. Nesse sentido, as questões de gênero e sexualidade, segundo estas autoras, têm sido mobilizadas para tornar mulheres e homens capazes de agir sobre si e sobre os outros, para torná-los agentes de mudança social.

## O *Podcast* *Introvertendo*

Denominamos como *podcast* a produção de áudio que disponibiliza arquivos a serem ouvidos *online*, de modo geral, por plataformas de *streaming*, as quais podem ser reproduzidas em diferentes artefatos tecnológicos (computadores, celulares, tablets, entre outros).<sup>5</sup> Eugênio Freire (2013) aponta que os conteúdos da mídia digital *podcast* são destinados para a veiculação de relatos de experiências, acontecimentos e debates informativos sobre os mais variados temas. Nesse sentido, a escolha do *podcast* *Introvertendo* fundamentou-se no interesse em analisar, com base nos conceitos do campo dos EC, como jovens autistas expressam suas emoções, entendimentos e principalmente abordam suas experiências de vida.

5 *Streaming*: tecnologia de transmissão de vídeos e/ou áudios, através da *internet*, sem a necessidade de download de dados e/ou produtos. À medida que os valores para o acesso de tais plataformas tornou-se mais acessível, o uso da referida tecnologia popularizou-se no Brasil. Atualmente, mais de 60% da população assina uma ou mais plataformas de *streaming*. Para saber mais: <<https://olhardigital.com.br/2022/07/03/cinema-e-streaming/quase-70-dos-brasileiros-com-smartphone-assinam-servicos-de-streaming/>>. (Acesso em 07 jun. 2023).

A concepção do mundo da Podosfera, onde os ouvintes sejam capazes de fornecer material para outros ouvintes, vem sendo realizada de forma mais abrangente na era digital, constituindo, assim, uma cultura participativa. Segundo Henry Jenkins *et. al* (2014), o *podcasting* foi capaz de fazer reaparecer o formato do rádio com uma tecnologia diferenciada, em razão de proporcionar um meio mais participativo, permitindo que grupos diferentes possam produzir e circular conteúdo como o rádio.

O *podcast* se transformou na cultura popular da internet, tornando-se uma das mídias mais acessadas pela juventude em razão da sua praticidade para fazer downloads de conteúdo, de músicas, e como ferramenta pedagógica. Daí, unindo-se à intenção em investigar sobre artefatos que produzem pedagogias culturais e sobre autismo, surgiu a ideia de pesquisar sobre o *podcast* Introvertendo, um artefato midiático cultural do ciberespaço apresentado por jovens autistas.

O *podcast* Introvertendo está presente em diversas plataformas, como *Spotify, Apple Podcasts, Deezer, CastBox, Google Podcasts, Amazon Music, Podcast Addicta* e *YouTube*. Importante destacar que a ideia do *podcast* surgiu durante os encontros do Grupo Asperger do “Programa Saudavelmente”, organizado pela Universidade Federal de Goiás (UFG), que oferecia cuidados em saúde mental, através do atendimento de uma equipe multiprofissional, à comunidade universitária.

Em 2018, os(as) integrantes do *podcast* começaram a produzir os primeiros episódios em uma das salas de terapia da UFG. O grupo reuniu, inicialmente, estudantes universitários, entre os quais cinco autistas, Luca, Marcos, Michael, Otávio e Tiago, que seriam responsáveis, mais tarde, pela formação original do *podcast* Introvertendo. Atualmente, a equipe de integrantes do *podcast* Introvertendo reúne oito jovens autistas: Tiago Abreu (Porto Alegre - RS), Luca Nolasco (Goiânia - GO), Michael Ulian (Arapongas - GO), Otávio Crosara (Goiânia - GO), Thaís Mosken (Florianópolis

- SC), Paulo Alarcón (Caçapava - SP), Willian Chimura (Porto Alegre - RS) e Carol Cardoso (Macapá - AP).

Importante destacar que os participantes receberam o diagnóstico de TEA tardiamente, entre os 14 e 26 anos, e identificam-se como homossexuais, bissexuais e heterossexuais. A produção do *podcast* Introvertendo é realizada exclusivamente por autistas, incluindo trilha sonora, edição de áudio, edição de textos e transcrições, projeto gráfico e capas, sendo que, do episódio 1 ao 81, foram produzidos de forma independente. A partir de dezembro de 2019, do episódio 82 ao 84, a produção passou a ser semi-independente e, após a fase de transição, do episódio 85 em diante, contrataram o apoio técnico da Superplayer & CO (empresa especialista em produção técnica de *podcasts*). Podemos pensar que o *podcast* Introvertendo busca garantir visibilidade aos jovens autistas, abordando diversos temas ligados ao TEA, dentre os quais, gênero e sexualidade. O Introvertendo provoca a questão da representatividade de pessoas com deficiência, as quais produzem conteúdos sobre si próprias, destacando principalmente as privações afetivas pelas quais passam.

## Nos bastidores: a metodologia de pesquisa

As teorias pós-críticas, de acordo com Dagmar Meyer (2021, p. 52), contestam teorizações totalizantes, por meio de ações interventivas, sob a abordagem de processos de diferenças e hierarquias sociais e culturais. Visam problematizar as formas de produção de “corpos, posições de sujeitos e identidades – como homem e mulher, heterossexual e homossexual, saudável e doente [...] categorizando-os no interior de uma cultura determinada”.

Nessa perspectiva, a pesquisa foi desenvolvida por meio da análise de um artefato cultural, de caráter midiático, denominado *podcast* Introvertendo, produzido por jovens diagnosticados com Transtorno do Espectro



Autista (TEA) nível 1 (grau leve de autismo). Cabe salientar que, em se tratando de pesquisa que faz uso de vozes de pessoas consideradas, legal e culturalmente, como pertencentes a grupos vulneráveis - neste caso, autistas -, a pesquisa precisaria ser aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos. No entanto, a pesquisa não envolveu entrevistas ou quaisquer outras formas de comunicação e contato com os jovens autistas do *podcast* *Introvertendo*, e as vozes/falas que constituíram a empiria analisada, são vozes de acesso público, sem restrição de uso, desde que mencionada a fonte, razão pela qual não se viu a necessidade de registro no sistema CEP/CONEP (Resolução CNS nº510/2016)<sup>6</sup>.

Destaca-se, ainda, que os estudos desenvolvidos sobre o ciberespaço têm utilizado dispositivos metodológicos provenientes da netnografia ou etnografia digital que, conforme pontuado anteriormente, consiste em uma das formas da etnografia realizada em ambientes virtuais onde se observa os sujeitos tendo como objetos de pesquisa as produções no ciberespaço (Sales, 2021). Para isso, o(a) pesquisador(a) adentra o ciberespaço como forma de ter subsídios para sua investigação, a fim de compreender como se processa o funcionamento de determinado artefato cultural, onde são analisadas as interações sociais, dos artefatos culturais, das características dos interlocutores, a história, linguagem, assim como elementos contextuais para compreender e analisar o objeto.

Ao escutar os áudios disponíveis no *podcast* *Introvertendo*, observou-se que, entre as temáticas abordadas, sobressaíam-se falas que tratavam sobre experiências de relacionamentos afetivos e sexuais vivenciadas pelos(as) jovens autistas do *podcast* *Introvertendo*, o que

impulsionou a construção de uma pesquisa que buscasse examinar os modos como a juventude autista entende, assume e vivencia a sua sexualidade e constitui identidades de gênero, contribuindo para a compreensão de como estes jovens pensam, representam e representam-se em relação a estas questões.

Importante destacar que, para a constituição da investigação maior da qual deriva o presente artigo, foram selecionados 09 (nove) episódios disponíveis no *podcast*, no período de 2018 a 2022, os quais se mostraram profícuos para analisar e problematizar as narrativas de jovens autistas, sobre experiências afetivas e sexuais. No entanto, frente ao espaço delimitado deste artigo, priorizamos a análise de quatro episódios, como referimos a seguir:

1. Episódio 02 (37 minutos), intitulado “Terapia do Amor”, publicado no *podcast* no dia 18 de maio de 2018, no qual os jovens falam sobre as experiências dos *podcasters*, como os jovens autistas se relacionam e flertam nas redes sociais e temas sexuais. Participam, deste episódio, Abner Mattheus, Luca Nolasco, Michael Ulian e Tiago Abreu (integrantes do *podcast*).
2. Episódio 16 (44 minutos), intitulado “Sexualidade: uma introdução”, publicado no dia 03 de agosto de 2018, no qual falam que sexualidade é “Um dos temas mais pedidos pelas pessoas e um dos mais negligenciados pela comunidade científica”. Abordam sobre a sexualidade dos aspies, orientações sexuais, educação sexual e situações de perigo que envolvem sexualidade. Participam, deste episódio, Guilherme Pires, Letícia Lyns, Luca Nolasco, Otávio Crosara e Tiago Abreu (integrantes do *podcast*).
3. Episódio 182 (38 minutos), intitulado “Precisamos falar sobre autistas que não transam”, publicado no dia 13 de agosto de 2021, no qual os jovens falam sobre as queixas de autistas nas redes sociais por não conseguirem ter sexo e

6 Segundo o Artigo 1º, incisos II e III, desta Resolução, não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/Conep, “I - Pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011; II - Pesquisa que utilize informações de domínio público” (BRASIL, MS, 2016.). Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso: 02 jan. 2023.

relacionamentos, sobre aplicativos de relacionamento, solidão, capacitismo, machismo, prostituição e outras questões que rondam a ausência de sexo para alguns autistas. Participam, deste episódio, Carol Cardoso, Michael Ulian e Tiago Abreu (integrantes do *podcast*) e Fábio Sousa (convidado).

4. Episódio 201 (25 minutos), intitulado “Sexualidade no Autismo”, publicado no dia 18 de janeiro de 2022, no qual falam sobre suas experiências, as questões de sexualidade na prática clínica e os atuais entendimentos sobre sexualidade e identidade de gênero entre autistas. Participam, deste episódio, Tiago Abreu (integrante do *podcast*) e Raquel Del Monde (convidada).

Tais episódios foram ouvidos e, para fins analíticos, foram transcritas as edições das falas dos(as) jovens autistas do *podcast* Introvertendo, para, na sequência, eleger/recortar os trechos das falas que abordavam aspectos importantes para os tensionamentos em torno das dimensões do gênero e da sexualidade no TEA. Nesse sentido, consideramos a orientação de Cláudia Schneider Marques (2020), que ensina a importância de salvar, em arquivos, os episódios a serem analisados, haja vista o risco de serem excluídos do ciberespaço. Nessa linha de pensamento, Sales (2021, p. 24) declara a

necessidade de se fazer *downloads* do conteúdo a ser investigado, “devido ao dinamismo decorrente das mudanças constantemente feitas pelas(os) usuárias(os), no conteúdo dos perfis e das comunidades [virtuais] (...)”, pois não se pode ter a ilusão de que as informações encontradas na rede de internet estarão eternamente disponíveis, razão pela qual, em um estudo netnográfico, os registros asseguram o acesso ao material empírico e a consolidação das análises.

## Das experiências de relacionamentos e sexuais vivenciadas pelos(as) jovens autistas do *podcast* Introvertendo

A abordagem sobre as vivências de relacionamentos afetivos e sexuais de pessoas com deficiência, ainda é vista como tabu e preconceito por inúmeras dimensões de nossa sociedade. Contudo, os relacionamentos e a sexualidade de pessoas com TEA são problematizados pelos apresentadores do *podcast* Introvertendo, que contestam os tabus de que pessoas autistas são assexuadas e incapazes de vivenciar relacionamentos. No episódio 02, intitulado “Terapia do Amor”, Luca Nolasco fala sobre suas experiências de relacionamento e flertes:

**Luca Nolasco:** Ocorre dos relacionamentos modernos. De ocorrer de colocarem o \*PINTO\* na \*ENTRADA USB\* do computador para praticar o famoso websexo. [...] o Tinder, eu comecei a usar para um motivo completamente obtuso, que era aprender a conversar com gente. E eu até agora acho que aprendi um pouco. Depois que tiveram as experiências mais voltadas ao sexual, mas, inicialmente, foi basicamente só para conversar.

**Michael:** Cara, minha experiência mais estranha que eu tive com o relacionamento foi a primeira vez que eu vi um par de peitos. Para dar um pequeno contexto, quando eu fazia natação, na época dos meus treze ou quinze anos, eu era a única pessoa de sexo masculino da minha turma. E uma das garotas que ironicamente é minha melhor amiga até hoje em dia, ela estava saindo da piscina e veio falar comigo. O maiô dela era folgado e quando ela se abaixou para falar comigo e bem. Né? Essa foi a primeira vez, mesmo que não seja metade do que eles são hoje, e isso é um elogio. Mas puta que pariu. Peitos a parte, essa é uma das pouquíssimas experiências que eu tenho pra contar. (INTROVERTENDO 02, 02:00 – 10:53)

É possível notar, no discurso de Luca, que parte dos jovens autistas vivem o isolamento social em razão do TEA, isso porque, muitas

vezes, não lhe são proporcionadas as oportunidades de interagir socialmente, impedindo uma interrelação real, sexual, física e afetiva.

O integrante Luca fala que começou a usar o aplicativo “para aprender a conversar com gente” e que somente depois passou a vivenciar o sexo na internet, denominado por eles de “websexo”.

A interconectividade propiciada pela internet encurtou distâncias e possibilitou relacionamentos antes impensáveis, permitindo a interação entre pessoas e grupos diversos. Para Luis Mauro Martino (2015), a comunicação via mídias digitais tem proporcionado a facilidade para encontrar companhias, relacionamentos digitais e fazer amigos. Neste contexto, as transformações no mundo contemporâneo atravessam e modificam a vida de homens e mulheres em vários aspectos, principalmente no que concerne às mudanças de concepções de práticas e identidades sexuais.

A sexualidade da pessoa autista tem sido marcada, socialmente, por estereótipos, estigmas e preconceitos e tratada por muitos, como

inexistente. Contudo, o comentário de Michael, no excerto destacado, sobre o interesse no corpo feminino, contesta tais afirmações, uma vez que ele narra uma experiência pela qual muitos jovens (autistas ou não) também vivenciam na mesma idade.

A partir das perspectivas teóricas escolhidas, compreendemos a sexualidade como produto de uma construção social e histórica. Assim, quando se pensa em questões relacionadas à sexualidade das pessoas com deficiência, tem-se que levar em conta, conforme sinalizam Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Teresa Vilaça (2019), como são constituídas, nos diferentes tempos e espaços, a identidade dessas pessoas, nas quais estão implicadas as questões estigmatizantes e as dificuldades agregadas à deficiência.

No mesmo episódio, Luca, Tiago e Michael falam de suas experiências sexuais em sites e aplicativos de relacionamento:

**Tiago:** A melhor forma de treinar o autismo. Inclusive, tem outras redes com objetivos mais diretos. Se a pessoa quer sexo, ela vai no Bate-Papo UOL. Ou no Badoo. As minhas experiências não foram nada agradáveis, por isso eu sempre usei outras coisas, mas tem umas redes sociais mais submundos ainda, que são muito mais pesadas e o pessoal já vai direto mesmo. A pessoa nem conversa com você, já manda foto do membro...

**Luca:** Cara, o flerte comigo é engraçado, porque eu consigo até flertar razoavelmente bem na internet. Eu só consigo flertar com pessoas que eu já tive contato inicial na internet, em geral assim. Então, pra mim facilita bastante isso. Se eu tiver conhecido a pessoa pessoalmente, é improvável que eu tenha capacidade de flertar com ela com pouco tempo de conversa, que seja só pessoal. Não sei vocês, podem falar aí.

**Tiago:** Eu também sou muito ruim de flertar, inclusive, todas as pessoas que eu já fiquei na minha vida até hoje, nenhuma delas já tomei uma iniciativa direta a todas as pessoas ou se tinha um consentimento, assim, mútuo de que era pra existir um envolvimento ou a pessoa me agarrou.

**Luca:** Flerte não é necessariamente você ter essa pegada. Flerte é mais aquele jogo da sedução, de ficar mandando indiretinha, de ficar falando sobre como você queria sarrar a pessoa pela internet, quando, na verdade, não vai ocorrer. A coisa não é necessariamente tomar iniciativa.

**Tiago:** É quase ter uma *web namorada*, né?

**Luca:** É quando você tem um *web namoro*, ocorrem muitos flertes.

**Tiago:** E você já teve uma *web namorada*?

**Luca:** Já, já, quatorze anos, foi uma época de...

**Michael:** Temos um *webcorno* entre nós. (INTROVERTENDO 02, 14:56 – 25:23).

Conforme Larissa Pelúcio (2015), os relacionamentos no mundo da cibercultura são comparados a um “jogo” em que se faz o *download* do aplicativo, seja no *smartphone*

ou computador, e visualizam-se os perfis das pessoas cadastradas para relacionamentos amorosos e/ou sexuais, sem a necessidade de contato físico.

Em relação às experiências sexuais na internet, Tiago destaca, no excerto acima, que vivenciou experiências desagradáveis em aplicativos de relacionamento, dizendo que “a pessoa nem conversa com você, já manda foto do membro”. Tais práticas podem representar riscos para os participantes, como salientam Barros e Ribeiro (2016). As autoras apontam que a disseminação de conteúdo erótico sem a autorização, pode provocar importunação e

constrangimento.

Sobre sexualidade no TEA, os(as) jovens afirmam ser um tema negligenciado pela comunidade científica. No episódio #16, publicado na rede em 03 de agosto de 2018, eles(as) abordam sobre a sexualidade dos Aspies, orientações sexuais, educação sexual e situações de perigo que envolve sexualidade. Participam desse episódio: Guilherme Pires, Letícia Lyns, Luca Nolasco, Otávio Crosara e Tiago Abreu.

**Tiago:** Mas, enfim, uma noção que eu percebi a partir desses pais é que eles enxergavam a partir do diagnóstico. A partir da noção de quem está no espectro autista, que é tecnicamente uma deficiência. De que deficiente não transa e isso não se resume somente a questão do Asperger, mas de todas as pessoas incomuns dentro desse espaço. Então é um preconceito muito forte, muito arraigado. E eles se sentiam desconfortáveis ao falar de sexo em relação aos filhos, como se isso não fizesse parte do meio deles. (INTROVERTENDO, 16, 17:19 – 17:57).

**Otávio:** Eu dei muita sorte de ter nascido numa família que me proveu muito amor e conversa. Eu sempre discuti vários assuntos com a minha família. Em minha família tem pessoas muito religiosas. Mas conversando, discutindo, perguntando e eles me perguntando o que eu achava, eu me tornei a pessoa com a sexualidade que eu tenho hoje. (INTROVERTENDO, 16, 17:55 – 18:24)

A sexualidade, para as famílias de filhos autistas, é delimitada em razão do diagnóstico médico e, consoante se percebe no discurso de Tiago, vista, muitas vezes, com preconceito, tabus e estereotipia. Podemos pensar que os discursos oficiais sobre o tema, a exemplo dos propagados pelos Ministério da Saúde e pela Secretaria de Juventude, os quais negligenciam a possibilidade do exercício da sexualidade das pessoas com qualquer deficiência, fomentam as discursividades das famílias. Fazemos essa afirmação por não encontrarmos, nos canais midiáticos dessas instâncias, materiais publicitários que abarquem sexualidade, juventude e deficiência. Nesse sentido, Ana Carla Vieira (2016) aponta que as famílias infantilizam e rotulam as pessoas com deficiência como incapazes. A visão destas famílias pode estar respaldada em mitos do senso comum, de que estas pessoas são assexuadas, sem sentimentos, ou até mesmo hipersexualizadas.

Outro ponto a destacar, refere-se à superproteção da família para com seu(a) filho(a) autista, que, em alguma medida, impossibilita a vivência de experiências comuns a suas respectivas faixas etárias. Condutas paternalis-

tas/maternalistas, como essas, respaldam-se, muitas vezes, em abordagens terapêuticas comportamentais e psicofarmacológicas que permitem controlar e monitorar “comportamentos sexuais inapropriados” (BRILHANTE *et al*, 2021, p. 418). Oprimidos(as) pelo controle e protecionismo dos pais e familiares, estes jovens não conseguem vivenciar as experiências da sexualidade e/ou lhes é negado o reconhecimento de sua identidade sexual e/ou de gênero.

No entanto, com base em outros estudos, Ana Cláudia Bortolozzi, Leilane Raquel Spadotto de Carvalho e Teresa Vilaça (2019, p. 33), pontuam que “a sexualidade faz parte de todos os seres humanos; é um conceito que inclui, além da genitalidade, também os desejos, as emoções, os valores e as crenças e sua expressão é influenciada pela cultura em que a pessoa vive, além de suas experiências ao longo das várias etapas do desenvolvimento na vida”.

Tiago Abreu (2022), um dos integrantes do *podcast* Introvertendo, em seu livro sobre Neurodiversidade, argumenta que:

Embora a sexualidade no autismo seja um tema hoje em crescente debate, sabe-se que muitas pessoas autistas não conseguem construir relacionamentos mais duradouros, nem ter ex-

periências sexuais satisfatórias. As lacunas no conhecimento da área, bem como os equívocos de certa simplificação se devem ao fato de que grande parte da comunidade do autismo, centrada em famílias e profissionais, de forma geral, ainda não conseguiu acompanhar esses debates e nem mesmo pensar em pessoas autistas, ao mesmo tempo, como público-alvo e como sujeitos ativos de suas pesquisas. Na prática, em grande parte dos eventos sobre autismo, ainda não se consegue pensar nos autistas além de uma participação cultural ou palestras e falas baseadas

em relatos de experiência, isso quando pessoas autistas não são vistas apenas como “anjos azuis” para “inspiração”. (ABREU, 2022, p. 45)

Em razão de estarem inseridos(as) em uma sociedade normativa, patriarcal e moralista, as juventudes autistas têm maior probabilidade de sofrerem abusos com relação à sexualidade, em razão da acentuada vulnerabilidade e direitos negligenciados. Esse ponto ficou evidente nas declarações de Letícia e Guilherme:

**Letícia:** Porque eu sempre fui uma pessoa que tive muita dificuldade de dizer não. Então assim eu já fui assediada e eu já passei por muita coisa em relação à sexualidade que me deixaram sem saber o que fazer a primeira foi que eu estava no ponto de ônibus lá no terminal da Praça Bíblia de calça tal e um cara simplesmente enfiou a mão no meio da minha calça e colocou a mão na minha mariazinha e eu olhei pra trás e não sabia quem era porque tinha muita gente e eu entrei em estado de choque e comecei a chorar dentro do ônibus. As pessoas perguntavam se eu estava bem e eu falava que eu estava bem e eu não conseguia explicar, não consegui dizer o que tinha acontecido, né (INTROVERTENDO 16, 29:30 - 30:30)

**Letícia:** A segunda vez foi na boate, foi lá na The Pub. Inclusive eu nunca mais fui lá, porque eu peguei um trauma desse dia. Eu passo na porta e lembro. Eu tinha bebido um pouco, mas eu tava assim, como posso dizer, consciente. Eu fiquei com um cara lá que ele era aparentemente mais velho do que eu e ele começou a vim com a mão boba e começar a falar, “ resolve o meu problema, resolve meu problema” e duro daquele jeito e o cara querendo que eu transasse alí de qualquer jeito. Tipo isso e eu não sabia o que fazer. Eu tenho um problema que quando eu entro em estado de choque eu não consigo falar. Então eu só balbuciava e tentava empurrar ele já quase perdendo a força, até que eu consegui sair dele e sai correndo. Meu primo estava lá e eu pedi pro meu primo pra ir embora. E foi tão traumatizante para mim que eu fiquei um bom tempo sem conseguir pensar em sexo, e em ser tocada porque eu achava que qualquer cara que eu fosse ficar ia fazer a mesma coisa e não foi diferente, realmente. (INTROVERTENDO 16, 30:37 – 32:00)

**Guilherme:** Há pessoas que acham que você é um objeto de cristal, tem medo de ir pro lado da sexualidade contigo. Eu mesmo deixo bem claro quando eu converso com as pessoas. Se é uma pessoa que eu acabei de conhecer e estou dialogando, sou transparente, falo de cara. Que eu tenho asperger associado com desvio de atenção. E aí as pessoas ficam surpresas, né? Mas é aquela questão, há casos e há casos. Vai muito também do caráter da pessoa, né? Isso daí de abusar da sua condição. Então, assim como os meninos disseram, não deixe passar batido, diga não. Por mais que a verdade doa quem doer, diga não, não aceite. Não seja submisso. (INTROVERTENDO 16, 42:56 – 43:52)

O relato de Letícia visibiliza as violências e os abusos 0 as mulheres sofrem de forma geral, sejam autistas ou não, e a realidade aponta que esses problemas são estruturantes da desigualdade de gênero. Importante destacar possíveis dificuldades da pessoa com TEA em perceber atitudes ou situações de risco, em razão do déficit na comunicação e na compreensão de sinais, impossibilitando uma situação favorável às violências e abusos sexuais. Conforme Ana Carla Vieira Ottoni (2022), a educação sexual, além de possibilitar o desenvolvimento da sexualidade, é considerada fator de proteção para pessoas autistas que estão vulneráveis a

abusadores e assediadores.

Em continuidade ao tema “Sexualidade no Autismo”, os(as) jovens autistas, no episódio #201 publicado em 28 de janeiro de 2022, voltam sobre esse tema com uma nova abordagem. Falam sobre suas experiências, as questões de sexualidade na prática clínica e os atuais entendimentos sobre sexualidade e identidade de gênero entre autistas. Participaram do episódio: Tiago Abreu e a convidada Raquel Del Monde, que vê a sexualidade como questão social e que tem aprendido muito sobre o TEA com a comunidade autista e as experiências de vida de seus pacientes.



**Tiago:** E essa parte do espectro do autismo muitas vezes não tem acesso a educação sexual, as famílias também não sabem como lidar porque são pessoas que muitas vezes não desenvolveram uma linguagem no sentido de você conseguir explicar as coisas de uma forma mais abstrata, ou de você conseguir ensinar isso de forma mais fácil. Eu vejo que tem muitas famílias que têm um pouco de dificuldade nesse sentido. Porque o autista cresce, chega na adolescência, precisa lidar com essas questões, precisa manifestar às vezes um desejo sexual e isso pode ser reprimido, isso pode envolver até violação de direitos humanos em níveis mais complexos... A gente tem algumas coisas disso na comunidade do autismo. (INTROVERTENDO 201, 16:53 – 17:35).

Durante boa parte deste episódio é abordado acerca do impedimento de o(a) autista expressar sua sexualidade, seja por repressão de familiares e/ou profissionais. Na perspectiva de Vieira (2016 *apud* Ottoni, 2022, p.16), “a falta de programas interventivos com orientações sobre sexualidade, ou espaços onde o assunto possa ser tratado com segurança e liberdade” são obstáculos ao pleno desenvolvimento da sexualidade. Depreende-se, da visão desta autora, que a educação sexual é extremamente relevante para a aprendizagem de comportamentos sexuais, sejam de jovens autistas ou não autistas. No entanto, em razão do estigma em torno do TEA, não há programas de incentivo para a educação

sexual. Os EC direcionam a compreender como se estabelecem as relações culturais das juventudes autistas e, neste campo, a sexualidade é percebida como, frequentemente, invisibilizada - as vivências sexuais são negadas e há vulnerabilidade com relação a abusos e violências.

No episódio #182, “Precisamos falar sobre autistas que não transam”, os(as) jovens falam sobre as queixas de autistas, nas redes sociais, por não conseguirem ter sexo e relacionamentos, bem como sobre capacitismo e outras questões que rondam a ausência de sexo para alguns ou algumas autistas. Participam desse episódio: Carol Cardoso, Michael Ulian, Tiago Abreu e o convidado Fábio Sousa.

**Tiago:** [...] eu entendo que o capacitismo no contexto das relações afetivas e sexuais no meio da deficiência, é muito evidente. A gente tem dentro da nossa sociedade várias formas de você flertar e conseguir relações. Hoje em dia, até onde eu entendo, as formas mais comuns são aplicativos, a gente já falou aqui do Tinder, existe também o Happn, também tem o OK Cupid e também tem, como eu falei, os próprios apps da comunidade gay como Grindr e etc. Então, você já tem vários aplicativos, onde você pode conhecer novas pessoas. E também tem o encontro presencial, em festas, bares, em espaços sociais, de uma forma geral. Quando as pessoas estão interagindo nesses espaços coletivos, a gente já tem um ambiente com muitas variáveis, com muita comunicação não-verbal, isso já complica pros autistas. Dentro dos aplicativos, a gente tem outras variáveis operando. Você ter um bom perfil, de alguma forma chamar atenção das pessoas, ter habilidades pra conversar ali no texto por texto. E a gente tem uma discussão recente, por exemplo, que em aplicativos como Tinder, a grande maioria das pessoas que têm contas nesses aplicativos não conseguem muitos matches, principalmente, em relações heterossexuais. No sentido de que só uma “nata”, digamos assim, de pessoas nesses aplicativos costumam se sair bem. E aí, eu acho que os autistas, definitivamente, não vão estar nessa minoria. Eu não sei se vocês têm 95 experiências com aplicativos, mas vocês percebem esse ambiente excludente, de alguma forma? (INTROVERTENDO 182, 9:38 – 11:17).

A fala de Tiago representa a dificuldade que as pessoas autistas têm de interagir nos espaços sociais e estabelecer relacionamentos e flertes. Isso porque as características de pessoas no TEA como dificuldade de interação, comunicação não-verbal, entender piadas e ironias, atrapalham essas relações. Contudo, não significa que os(as) jovens autistas sejam incapazes de ter relações afetivas e sexuais, pois, a internet, por meio dos aplicativos de

relacionamentos, possibilita que esses(as) jovens estabeleçam vínculos, indo de encontro à visão capacitista que se tem sobre as pessoas autistas.

Segundo Maia e Vilaça (2019), a sociedade cria expectativas em relação à sexualidade das pessoas e estabelece um padrão cultural que considera ser “normal”, forçando as pessoas corresponderem a esses padrões. E, a respeito da sexualidade de pessoas com deficiência, julgam

que essas são assexuadas ou possuem hipersexualidade. É possível dizer que, apesar dos avanços nas sociedades, em especial na ocidental, ainda existem assuntos que continuam sendo

considerados tabus, como é o caso da sexualidade e da deficiência. Percebe-se o sofrimento e a discriminação dessas pessoas, em razão da deficiência, como argumentam Tiago e Fábio:

**Tiago:** Tem autistas que não vão conseguir nem um match, isso é uma realidade. Tem autistas que conseguem o match e aí a gente tem um outro cenário, que é um cenário que, inclusive, eu já vivi, que é o momento que você fala que você é autista, que você tem uma deficiência. E, evidentemente, a tua deficiência é um motivo para que a pessoa se afaste de você, que ela desfaça o match ou que ela não queira nada contigo. OK, eu entendo que as pessoas têm liberdade de escolherem com quem elas querem ficar, mas nesse contexto tá muito evidente de que a deficiência é um impeditivo pras pessoas quererem manter uma certa relação com você. E isso é preconceito, evidentemente. Então, a gente já tem essa exclusão dentro do aplicativo. Dentro do encontro presencial, a coisa fica mais complexa. Então, imagina: passar por todas essas etapas e terminar em uma relação sexual ou em algum caso, até que se dê ainda melhor em um relacionamento, é muito difícil. Você precisa ter muitas habilidades. Já é difícil para as pessoas não autistas, imagina autistas. (INTROVERTENDO 182, 12:14 – 13:13).

**Fábio:** A pessoa pode ter o papo mais maravilhoso do planeta, a partir do momento que ele fala que ele é um deficiente, a coisa muda, sabe? Então, se fala: “ah, nossa, você é uma pessoa muito legal”. Aí, cê fala: “sou 96 cadeirante, eu sou surdo, eu sou cego”, automaticamente a pessoa que tava interessada em você acaba pensando com “dó, tadinho”. “Será que essa pessoa vai servir pra mim? Será que eu vou conseguir transar? Será que essa pessoa vai servir de alguma forma como um companheiro, uma companheira?”. E no final, você percebe que para qualquer deficiente, não só os autistas, o capacitismo será a maior barreira para um relacionamento com uma pessoa que não é deficiente (INTROVERTENDO, 182, 14:43 – 15:33).

Nesse sentido, faz-se necessário dar visibilidade às pessoas com deficiência como forma de desnaturalizar ideias capacitistas, que, atualmente, atravessam os espaços social e virtual. Quando se trata da interseccionalidade dos marcadores gênero e deficiência, a experiência de opressão vivida pelos(as) jovens autistas é acentuada. Nesse ponto, há “necessidade da

convergência entre os corpos vulnerabilizados, buscando fortalecer-se contra as estruturas de opressão, pensando nas questões de raça, classe e gênero.” (Gesser *et al*, 2022, p. 132).

Ainda nesse episódio (#182), os(as) jovens autistas falam acerca das habilidades sociais para encontros, como se percebe no trecho abaixo:

**Tiago:** [...] Então, eu fico pensando: será que seria legal ensinar essas habilidades do flerte para autistas? Talvez isso resolveria parte do problema. E conversar um pouco mais sobre educação sexual? Queria saber a opinião de vocês sobre isso. (INTROVERTENDO 182, 29:17 – 30:29).

**Fábio:** Muitos de nós iam se beneficiar com um programa que, tipo, ajuda não a treinar pessoa, mas eu acho que seria algo que juntasse tipo assim: “vocês são autistas, né? Então, a gente vai ajudar vocês a se comunicarem e quem sabe, arrumar um parceiro, uma parceira neste programa”. Porque por mais que a gente tenha aula, na hora do vamos ver diante de uma pessoa não autista, a gente ia ficar todo durinho, sabe? Tipo o Charlie Chaplin tentando mostrar, fazer gracejos. É tudo muito mecânico, porque a gente não tem essa habilidade in natura dentro do nosso corpo. E outra coisa, educação sexual, pra nós, autistas, ela tem cunho diferente, porque os corpos de pessoas atípicas funcionam de forma diferente de um corpo não autista. Em qual sentido? Eu não sei direito o processo biológico, eu posso também estar falando besteira, mas é muito comum você ouvir de autistas que às vezes um toque pode ser extremamente prazeroso ou extremamente doloroso, às vezes um toque não faz nada na pessoa, a sua zona erógena é outro lugar. Então, educação sexual para nós é importante para saber o que nos dá prazer, o que não nos dá prazer, porque ajuda a ter problemas na hora H. Às vezes, ter uma terapia pra poder dessensibilizar, tudo mais. Outra coisa é que a questão sexual ajuda muitas pessoas a entenderem e talvez evitarem abusos, né? Porque a gente é presa muito fácil por ser autista. É só você pensar as estatísticas de abuso sexual no autismo, que é muito maior do que a população geral. Então, eu acho que a educação sexual pra nós não tem um cunho que vai ajudar a gente a arrumar um parceiro, uma parceira. Ele é mais um kit de sobrevivência e de autoconhecimento. (INTROVERTENDO, 182, 30:30 – 32:32)

Apesar das dimensões do gênero e da sexualidade estarem afastadas, atualmente, do currículo de muitas escolas, em razão do tempo de conservadorismo que atualmente vivemos no Brasil, impossibilitando a organização da Educação Sexual nas instituições de ensino, devemos recordar que legislações garantem a discussão de tais temas, em especial, para as juventudes. Assim, vale comentar que tanto o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013), quanto o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), dispõem sobre o direito do jovem com deficiência à diversidade, à igualdade, a não discriminação em razão de orientação sexual e deficiência, bem como, à capacidade civil para exercer direitos sexuais e reprodutivos e o respeito a sua identidade de gênero e orientação sexual. No entanto, se pode notar que os jovens autistas se sentem excluídos, o que demonstra a não garantia desses direitos.

## Considerações finais

Por meio de canais virtuais de interação social, como o *podcast*, *Youtube*, *Instagram*, *Twitter*, *Facebook*, entre outros aplicativos e redes sociais, sujeitos das mais diversas faixas etárias podem participar, de forma mais ativa, como (re)produtores de cultura. No entanto, em razão, sobretudo, das desigualdades sociais, a inclusão digital ainda não é uma realidade na vida de muitos jovens. E, quando consideramos os jovens com deficiência, esse acesso pode ocorrer de modo mais precário, visto a necessidade de ferramentas, por vezes, de acessibilidade. Contudo, para jovens autistas, o acesso às ferramentas digitais se apresenta como impulsionadoras para “estarem juntos sem estarem perto”, fato que pode mobilizar sua inclusão em diferentes grupos sociais, uma vez que as interações pessoais podem ser mais complexas para os sujeitos com TEA. Entretanto, vale ressaltar as barreiras econômicas ainda relacionadas ao acesso às ferramentas digitais, tais como o valor dos aparelhos celulares e

o acesso pago às redes de internet, as quais, mesmo mais acessíveis, ainda representam um custo considerável para parte da população jovem.

No presente texto, buscamos problematizar experiências de relacionamento e sexuais vivenciadas pelos(as) jovens autistas do *podcast* Introvertendo. Nesse eixo, as juventudes autistas abordaram que flertam, relacionam-se e aprendem sobre sexualidade por meio de aplicativos na internet e utilizam o ciberespaço para estabelecer relações sociais e sexuais. Viviane Vargas (2021, p.116), pesquisadora que analisou a série *Atypical*, aponta que apesar do(a) jovem autista apresentar características como “inabilidade no relacionamento interpessoal, comportamentos repetitivos e estereotipados”, o interesse em namorar é comum como qualquer outro(a) jovem não autista, pois sua diferença não reprime o modo de tornar-se jovem na contemporaneidade. Desse modo, destacamos que tanto no estudo de Vargas, como em nossa pesquisa, percebe-se o interesse dos jovens autistas sobre as práticas de namoro e afeto. No entanto, em ambos os estudos, também foi possível notar que as famílias e as escolas enfrentam dificuldades para dialogar com os(as) jovens autistas sobre sexualidade e afeto. Essa juventude autista não vivenciou, em sua maioria, uma educação emocional, tampouco sexual, na família e na escola. Muitas vezes, essas instâncias não acreditam na capacidade desses sujeitos para se relacionar, sentirem desejos ou expressarem identidades sexuais e/ou de gênero, devido a ideias capacitistas, e acabam por infantilizar tais sujeitos, desconsiderando sentimentos, desejos e afetos.

Importante salientar, que esses(as) jovens podem correr o risco de sofrerem abusos e/ou violências por não ser proporcionada a eles/elas uma educação emocional e sexual como fator de proteção a essa juventude. Considera-se importante proporcionar, à juventude autista e à não autista, uma educação emocional e sexual pautada na diversidade, para valorizar as escolhas dos diferentes sujeitos, suas formas

de pensar e viver a sexualidade, assim como, considerar as múltiplas identidades sexuais. A educação sobre sexualidade, no TEA e para todos, todas e todes, ajuda a desconstruir normas opressoras e estigmatizantes sobre a sexualidade de pessoas com deficiência, contribuindo para um mundo mais inclusivo, justo e igualitário

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Tiago. **O que é Neurodiversidade?** [Livro eletrônico]. 1. ed. Goiânia: Cãnone Editorial, 2022.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **DSM-V: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: ARTMED, 2014, 5a. ed
- BORTOLOZZI, Ana Cláudia; CARVALHO, Leilane Raquel Spadotto de; VILAÇA, Teresa. Educação sexual inclusiva na perspectiva de professores (as): análise do contexto português e brasileiro. **Revista Humanidades e Inovação**. v.7, n.27, 2019. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5157/2278>>. Acesso em: 07 mai. 2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988**. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- BRASIL. **Lei nº. 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, [2012]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm)>. Acesso em: 11 nov. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 12.852 de 05 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm)>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 13.146/2015 de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- BRILHANTE, Aline Veras Morais et al. “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 2021, v. 26, n.2, pp.417-423. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.40792020>>. Acesso em: 12 mai. 2022
- BARROS, Suzana da C.; RIBEIRO, Paula. Regina. Costa. O *sexting* e o dispositivo da sexualidade / Sexting and the sexuality device. **Ensino em Revista**. [S. l.], v. 23, n. 2, pp. 411–436, 2016. DOI: 10.14393/ER-v23n2a2016-5. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/36493>>. Acesso em: 5 jun. 2023.
- CAMOZZATO, Viviane. Pedagogias do Presente. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.39, n.2, pp.573-593, abr./jun. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/JQGQqFY6bhHXDRrLj8Sn56P/?lang=pt>>. Acesso em: 30 out. 2022.
- COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30887/1/eBook%20-%20Genero%20e%20Sexualidade%20na%20Atualidade.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2022.
- COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Estudos Culturais e Educação: expandindo possibilidades para compreender a dimensão educativa. In: LISBOA FILHO, Flavi Ferreira; BAPTISTA, Maria Manoel (Orgs.). **Estudos Culturais e Interfaces: objetos, metodologias e desenhos de investigação**. Aveiro: Universidade de Aveiro, Programa Doutoral em Estudos Culturais. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2016. [Livro eletrônico]
- DAL'IGNA, Maria Cláudia; MEYER, Dagmar Estermann; DORNELLES, Priscila Gomes; KLEIN Carin. Gênero, sexualidade e biopolítica: Processos de gestão da vida em políticas contemporâneas de inclusão social. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**. 27(140), 2019. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/337011565\\_Genero\\_sexualidade\\_e\\_biopolitica\\_Processos\\_de\\_gestao\\_da\\_vida\\_em\\_politicas\\_contemporaneas\\_de\\_inclusao\\_social#fullTextFileContent](https://www.researchgate.net/publication/337011565_Genero_sexualidade_e_biopolitica_Processos_de_gestao_da_vida_em_politicas_contemporaneas_de_inclusao_social#fullTextFileContent)>. Acesso em: 06 out. 2022.



- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro (RJ), n. 24, pp. 40-52. set/out/nov/dez. 2003.
- DONVAN, John; ZUCKER, Caren. **Outra Sintonia: a história do autismo**. Tradução Luiz A. de Araújo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II - O uso dos prazeres**. 13 ed. São Paulo: Graal, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I - A vontade de saber**. 18. ed. São Paulo: Graal, 2007.
- FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. *Podcast na Educação Brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação*. **Tese de Doutorado** (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14448>>. Acesso em: 08 jun. 2023
- GESSER, Marivete. BLOCK, Pamela; MELLO, Anahí Guedes de. ESTUDOS DA DEFICIÊNCIA: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social. In: GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena (Orgs.). **Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social**. Curitiba: CRV, 2020.
- GROPPO, Luís Antônio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. In: GROppo, Luís Antônio. **Juventudes: sociologia, cultura e movimentos**. Universidade Federal de Alfenas. Alfenas/MG, 2016, pp.8-24.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. Tradução Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.
- MARQUES, Cláudia Schneider. Fala que eu te escuto: O Canal Mamilos de *podcast* ensinando sobre maternidade. **Dissertação de Mestrado** (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2020. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218424>>. Acesso em: 4 jun. 2021.
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; VILAÇA, Teresa. Sexualidade e Deficiência: apontamentos sobre a educação sexual na escola inclusiva. **Tecituras: sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar**. Rio Grande: FURG, 2019, pp.155-169.
- MARTINO, Luís Mauro. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes**. 2 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2015.
- MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens Pós-estruturalistas de Pesquisa na Interface Educação, Saúde e Gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. 3. ed. pp. 49-63. Belo Horizonte: Mazza, 2021.
- OTTONI, Ana Carla Vieira. Sexualidade, Autismo e Vida Adulta: contribuições para a educação sexual. **Tese de Doutorado** (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista "Julio De Mesquita Filho" Faculdade de Ciências Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, UNESP/Bauru, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/217663>>. Acesso em: 01 dez. 2022.
- PELÚCIO, Larissa. O amor em tempos de aplicativos: notas afetivas e metodológicas sobre pesquisas com mídias digitais. In: PELÚCIO et al. **No Emaranhado da Rede: gênero, sexualidade e mídia - desafios teóricos e metodológicos do presente**. São Paulo: Editora Annablume Queer, 2015.
- RIVIÈRE, Ángel. O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades especiais**. v.3, 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SALES, Shirlei Rezende. Etnografia + Netnografia + Análise do Discurso: articulações metodológicas para pesquisar em educação. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. 3 ed. pp. 113-134. Belo Horizonte: Mazza, 2021.
- VARGAS, Viviane dos Santos. "Atypical": uma Representação de Jovem Autista a partir dos Estudos Culturais. **Dissertação de Mestrado** (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas/RS, 2021. Disponível em: <[servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM320.pdf](https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM320.pdf)>. Acesso em: 09 mai. 2022



VIEIRA, Ana Carla. Sexualidade e Transtorno do Espectro Autista: relatos de familiares. **Dissertação de Mestrado** (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Bauru, 2016. Disponível em: <[repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143824/vieira\\_ac\\_me\\_bauru.pdf?sequence=5&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143824/vieira_ac_me_bauru.pdf?sequence=5&isAllowed=y)>. Acesso em: 23 dez. 2022

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela.

Apontamentos sobre os Estudos Culturais no Brasil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.44, n.4, e89212, pp.1-22, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623689212>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ZUBARAN, Maria Angélica; WORTMANN, Maria Lúcia; KIRCHOF, Edgar Roberto. Stuart Hall e as questões étnico-raciais no Brasil: cultura, representações e identidades. **Projeto História**. São Paulo, n.56, pp.9-38, mai./ago. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/25714>. Acesso em: 04 abr. 2022.

*Recebido em: 29/08/2023*  
*Aprovado em: 18/10/2023*

---

Artigo revisado por Leonardo Cardozo Vieira



Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.